

Descoberta e aceitação: relatos de experiência de um grupo de lésbicas e de gays

Discovery and acceptance: experience reports of a group of lesbians and gays

Ana Beatriz Oliveira Ribeiro
Universidade Federal de Santa Catarina
anabeatrizopribeiro@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8551-8778>

RESUMO

Este texto aborda relatos de experiência de um grupo de mulheres autodeclaradas lésbicas e de homens autodeclarados gays, envolvendo vivências de descoberta e de aceitação da orientação sexual. Nesse sentido, investiga-se e discute-se como ocorreram esses dois processos para as pessoas entrevistadas, bem como o impacto dessa etapa em suas vidas. Alguns conceitos como o de narrativa (Clandinin; Connely, 2011), de homofobia (Castañeda, 2007; Schulman, 2010), de heterossexualidade compulsória (Butler, 2003) e de epistemologia do armário (Sedgwick, 2007) respaldam a análise. Os relatos advêm de um corpus composto por quatro entrevistas feitas em duplas (de lésbicas e de gays). A análise depreendida é de base interpretativa e alguns trechos das entrevistas são usados para exemplificar as discussões.

Palavras-chave: relatos de experiência de lésbicas e de gays; descoberta e aceitação; epistemologia do armário; heterossexualidade compulsória; homofobia.

ABSTRACT

This text approaches experience reports of a group of self-declared lesbian women and self-declared gay men concerning experiences of discovery and acceptance of sexual orientation. In this sense, the text investigates and discusses how these two processes occurred for the people interviewed, as well as the impact of this moment of their lives. Some concepts such as narrative (Clandinin; Connely, 2011), homophobia (Castañeda, 2007; Schulman, 2010), compulsory heterosexuality (Butler, 2003) and epistemology of the closet (Sedgwick, 2007) support the analysis. The reports come from a corpus composed of four interviews carried out in pairs (of lesbians and of gays). The inferred analysis results from an interpretative basis and some excerpts from the interviews are used to exemplify the discussions.

Keywords: experience reports of a group of lesbians and gays; discovery and acceptance; epistemology of the closet; compulsory heterosexuality; homophobia.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), o Brasil é, infelizmente, o país que mais mata pessoas LGBTQIAPN+ no mundo¹. Sendo assim, esta informação é um forte indício de que este grupo é, ainda, alvo de diversos preconceitos e intolerâncias no âmbito brasileiro.

Além disso, a liderança do Brasil nesse ‘ranking’ revela, por um lado, uma negligência por parte da esfera governamental, que não realiza ações frente à recorrência desses casos de violência e de assassinatos da população LGBTQIAPN+ e, por outro lado, também evidencia o desmonte e o ataque contra tudo que diga respeito à pauta das diversidades, independentemente de quais sejam. Da mesma forma, todo o cenário que vem se estabelecendo nos últimos quatro anos, com fortes raízes no conservadorismo e na normatividade, parece corroborar em uma tentativa de silenciamento de todo e qualquer grupo minoritarizado (como mulheres, corpos negros, pobres etc.) e suas pautas. Nesse sentido, campanhas de conscientização e oferecimento de apoio psicológico a esse grupo poderiam ser iniciativas produtivas no combate a tanta violência e, também, poderiam auxiliar essas pessoas em suas vivências, que, muitas vezes, são tão marcadas por conflitos dentro e fora de casa.

Seguindo essa lógica, é interessante e significativo explorar as vivências dessa população, procurando examinar como os processos de descoberta e de aceitação impactam ou já impactaram em suas vidas. Para isso, o *corpus* analisado nesta pesquisa é constituído a partir da transcrição de entrevistas² realizadas com duas duplas de mulheres lésbicas e duas duplas de homens *gays*, especificamente sobre o bloco da entrevista “Preconceito”. Esses delineamentos são explorados na seção “caminhos metodológicos” do presente texto.

Dito isso, o argumento a seguir está estruturado da seguinte maneira: na próxima seção, desenvolvemos a discussão teórica e conceitual sobre descoberta e aceitação da orientação sexual; na seção seguinte, abordamos os caminhos metodológicos

¹ Dossiê elaborado pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) intitulado “Do Luto à Luta: Violência Contra Defensores de Direitos Humanos LGBTQI+ no Brasil”. Disponível em: <https://www.abglit.org/biblioteca>. Acesso em: 20 out. 2021.

² Estas entrevistas fazem parte do *corpus* coletado para a dissertação da autora, defendida no ano de 2020.

percorridos; e, na quarta seção, traçamos uma discussão e trazemos a análise dos dados orais transcritos. Por fim, são apresentadas as considerações finais acerca do debate proposto.

DESCOBERTA E ACEITAÇÃO

Algo que faz parte da vivência de toda pessoa LGBTQIAPN+, mesmo que ainda não seja tão discutido na sociedade, são os processos de descoberta e de aceitação da orientação sexual que envolvem essas duas importantes etapas. Porém, esses dois movimentos, por muitas vezes, fazem parte de um período de muita dúvida, medo e solidão, em que essas pessoas vivem muitas emoções e incertezas e precisam lidar, muitas vezes sozinhos, com diferentes e novos sentimentos.

Essas etapas não são fáceis, tampouco simples para pessoas LGBTQIAPN+, que, mesmo após terem passado pelas etapas de descoberta e de aceitação, precisam contar para suas famílias (ou, como popularmente se diz, ‘se assumirem’) sobre suas orientações sexuais e lidar com as diversas reações que podem receber. Nesse sentido, o apoio familiar e, também, o psicológico têm extrema importância, uma vez que esse suporte poderia funcionar como um facilitador no processo, o qual já pode ser bastante complicado e doloroso.

Nessa lógica, este texto aciona alguns conceitos teóricos, conceituais e metodológicos para respaldar a análise dos relatos de experiência, tais como os de *narrativa* (Clandinin; Connely, 2011; Sahagoff, 2015), *homofobia* (Castañeda, 2007; Schulman, 2010), *epistemologia do armário* (Sedgwick, 2007) e *comunidade(s) de prática(s)* (Eckert, 2006).

O termo “narrativa” pode acarretar uma acepção bastante ampla, assim como a produção teórica e acadêmica sobre o conceito. Clandinin e Connely (2011, p. 53) definem a pesquisa narrativa como “uma forma de entender a experiência”, em um processo de colaboração entre pesquisador/a e pesquisado/a. Isto é, a partir de um processo contínuo de interpretação e reinterpretação, o/a pesquisador/a propõe-se a registrar as vozes das pessoas pesquisadas em forma escrita.

Nessa esteira, a pesquisa narrativa pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema, em que o/a investigador/a

encontrará informações para entender determinado fenômeno (Paiva, 2008). No presente texto, a partir da análise do *corpus* de entrevistas com mulheres lésbicas e com homens *gays*, serão exploradas as vivências e as histórias das pessoas entrevistadas sobre os temas *descoberta* e *aceitação* da orientação sexual.

A partir disso,

[a] pesquisa narrativa é um estudo da experiência como história, assim, é principalmente uma forma de pensar sobre a experiência, que pode ser desenvolvida apenas pelo contar de histórias, ou pelo vivenciar de histórias. A narrativa é o método de pesquisa e ao mesmo tempo o fenômeno pesquisado (Sahagoff, 2015, p. 6).

Entende-se aqui, portanto, que a metodologia adotada, tanto para capturar quanto para analisar, os relatos de experiência das pessoas entrevistadas têm base na pesquisa narrativa, que visa compreender as histórias e as experiências pessoais das pessoas.

Nessa direção, é sabido que a experiência de se assumir como homossexual e a homofobia são assuntos frequentemente associados. Castañeda (2007) faz apontamentos certos sobre essa questão:

[...] quando uma pessoa se reconhece homossexual, não existem benefícios visíveis. Ao contrário: abre-se diante dela um futuro isolado e marginalizado que provavelmente trará conflitos com a família e a sociedade. Assumir-se homossexual não parece uma volta ao lar, mas, antes, um exílio (Castañeda, 2007, p. 46).

Dessa forma, pessoas que não se encaixam nas normas heteronormativas pré-estabelecidas, possivelmente, em algum momento de suas vidas, sofrerão algum tipo de preconceito ou estigma (como, por exemplo, zombarias, insultos, perseguição, violência etc.) e isso, certamente, perpassa e afeta tanto o processo de descoberta quanto o de aceitação da sexualidade. Butler (2003) entende a heteronormatividade como instituição compulsória e naturalizada das normas binárias de gênero, que são reguladas pela heterossexualidade, condutoras da diferenciação entre os estereótipos do feminino e do masculino e consolidadoras dessa correspondência interna e linear entre sexo, gênero e orientação.

De acordo com Perucchi et al. (2014), a homofobia:

[...] consiste em considerar o outro (no caso o/a homossexual e transgêneros) como desigual, inferior, anormal. Além disso, como qualquer outra forma de intolerância, a homofobia se articula em torno de emoções, condutas e dispositivos ideológicos e institucionais, configurando-se como um instrumento que cria e reproduz um sistema de diferenças para justificar a exclusão e a dominação de uns sobre outros (Perucchi et al., 2014, p. 68).

Similarmente, Sedgwick (2007) reflete sobre a “epistemologia do armário”, a compreendendo como um dispositivo de regulação da vida de *gays* e de *lésbicas* que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores. A autora também assinala que “[...] a imagem do assumir-se confronta regularmente a imagem do armário, e sua posição pública sem ambivalência pode ser contraposta como uma certeza epistemológica salvadora contra a privacidade equívoca oferecida pelo armário” (Sedgwick, 2007, p. 27).

Quem se entende como LGBTQIAPN+ “vivencia situações de vulnerabilidade que podem estar relacionadas às alterações típicas do processo de descobertas quanto aos seus desejos, necessidades e orientação sexual” (Zanatta, et al., 2018, p. 392). Portanto, nesse processo de descoberta, essas pessoas vivenciam “diferentes situações de vulnerabilidade, dentre as quais se destaca o medo, a culpa, a repressão, a sensação de ser uma pessoa estranha ou errada” (Zanatta, et al., 2018, p. 394). Essas pessoas são frequentemente taxadas de desviantes e pervertidas, porque não desempenham a conduta socialmente desejável e, dessa forma, acabam sendo desaprovadas, criticadas e vítimas de preconceitos:

O preconceito com a homoafetividade está diretamente relacionado ao desejo dos heterossexuais em manter as tradições, conceitos relativos ao gênero, tradições culturais que passam de geração em geração pelas famílias, com isso, tudo o que foge do padrão social é visto como errado (Zanatta, et al., 2018, p. 394).

Um efeito disso é o medo, que constantemente “surge pelo fato de se acharem pessoas estranhas ou erradas e também pela rejeição e preconceito da família e da sociedade. Essa situação vulnerabiliza o jovem, podendo levá-lo à negação de seus desejos, à autopunição e ao adoecimento” (Zanatta, et al., 2018, p. 394).

Schulman (2010) também investiga a sexualidade, a homofobia, especialmente a familiar, e a busca por reconhecimento. Por esse ângulo, a autora discute as experiências, muitas vezes compartilhadas, de sujeitos homossexuais e aponta que:

Existem duas experiências que a maioria dos homossexuais compartilha. Uma é a de “assumir-se”, processo de interrogação pessoal em oposição à expectativa social, que não tem quaisquer paralelos na vida heterossexual. A segunda experiência comum é que fomos, cada um de nós, em algum momento de nossas vidas, inferiorizados por nossas famílias simplesmente, mas especificamente, por causa de nossa homossexualidade (Schulman, 2010, p. 69).

Se já não bastasse a experiência dolorosa da homofobia, especialmente aquela vivida dentro da família, como nos diz Castañeda (2007) “[...] a maioria dos homossexuais na sociedade atual, mesmo aqueles que se aceitem como tais, carrega em si um conflito existencial permanente”. Ainda segundo a autora: “A homofobia interiorizada não tem fim: ela ressurgue, sob diferentes formas, ao longo do ciclo vital” (Castañeda, 2007, p. 143). Assim, tanto a homofobia presente na sociedade, quanto a homofobia interiorizada podem levar muitos homossexuais a viverem em certo isolamento afetivo, sexual e social. Além disso, em alguns casos, esse complexo de emoções “[...] pode provocar um esforço contínuo para compensar o ‘defeito’ da homossexualidade em outras áreas da vida” (Castañeda, 2007, p. 152).

A aceitação familiar é um ponto crucial na vida de pessoas homossexuais, mas:

[e]mbora tal atitude seja apontada por muitos como um momento de libertação e de consolidação de suas certezas em relação à homossexualidade, essa ocasião sempre tem um caráter de “confissão”, quase no sentido religioso do termo, em que uma atitude considerada como digna de sanção é exposta a uma “autoridade superior” (no caso, a família) para que ela possa apresentar suas considerações, na expectativa de que tal ação ocorra de uma maneira considerada positiva, ou mesmo à espera de um perdão pela “falta” cometida (Soliva; Silva, 2014, p. 136).

Todas essas questões conjuntas impactam a vida de pessoas LGBTQIAPN+, visto que “[...] o preconceito da sociedade consiste em um mecanismo que busca pela manutenção do que é considerado normal [...] inferiorizando-os e prejudicando significativamente a vivência da sexualidade” (Zanatta, et al., 2018, p. 394). Então, essas violências estão pautadas em questões de ordem social:

Há de se convir que o preconceito e a discriminação direcionadas aos homossexuais não derivam exclusivamente da ignorância. Eles estão fundados, principalmente, na promoção da ordem heterossexual, que faz apologia à heterossexualidade como a única forma possível de expressão

sexual, em detrimento de inúmeras outras formas de expressão da sexualidade (Silva, 2017, p. 104).

Dessa forma, no presente texto, faz-se necessário analisar os relatos de experiência fornecidos por mulheres lésbicas e por homens *gays* sobre seus processos de descoberta e de aceitação de suas orientações sexuais, a fim de proporcionar um espaço seguro para esse debate e, ainda, procurar compreender como aconteceram esses processos, bem como em que medida eles impactaram ou impactam suas vidas.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão abordados os caminhos metodológicos adotados para a realização do trabalho. Portanto, serão explicadas e desenvolvidas questões envolvendo o *corpus* utilizado, as pessoas entrevistadas e as escolhas analíticas.

Para contextualizar, o *corpus* utilizado é constituído da transcrição de entrevistas com duas duplas de mulheres lésbicas e duas duplas de homens *gays* (totalizando 8 pessoas entrevistadas). Essas entrevistas em duplas foram pensadas e, posteriormente, realizadas pensando, justamente, em propiciar uma maior interação e descontração entre os participantes. Esse caminho escolhido foi bastante efetivo, já que as entrevistas se tornaram produtivas, tanto em termos de tempo quanto de conteúdo.

As pessoas entrevistadas são lésbicas e *gays*, residentes da cidade de Rio Grande/RS. A grande maioria deles foi ou é envolvida na área de Letras. Para preservar a identidade das pessoas entrevistadas, foi pedido para que elas escolhessem um pseudônimo para serem referidas na pesquisa, conforme Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Oito pessoas entrevistadas e pseudônimos

Mulheres lésbicas	Homens gays
Ametista e Adore	Júlio e Pedro
Fiona e Brigitte	Lorelay Fox e Zoe

Fonte: elaborado pela autora (2021).

Um breve detalhamento individual das oito pessoas entrevistadas é feito adiante, a partir de informações advindas da ficha social respondida por elas. Conjuntamente, também são explanadas algumas informações decorrentes das anotações feitas pela pesquisadora no diário de campo.

Entre as mulheres lésbicas, Ametista tem 30 anos e é natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. É graduada em Letras Português/Inglês e mestranda em Literatura. Sua ocupação atual é de professora substituta no (IFRS – *Campus* Rio Grande). Adore tem 22 anos e é natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. É acadêmica de Letras Português/Inglês. Sua ocupação atual é de estudante. Fiona tem 23 anos e é natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. É licenciada em Letras Português/Inglês. Atualmente, sua ocupação é de professora de Inglês e sinalizou que a sua motivação é o dinheiro. Brigitte tem 22 anos e é natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Possui ensino médio completo e sua ocupação atualmente é de cuidadora.

Entre os homens *gays*, Júlio tem 27 anos e é natural da cidade de São José do Norte e residente da cidade de Rio Grande, ambas no Rio Grande do Sul. É bacharel em Administração e licenciado em Letras Português/Inglês. Sua ocupação é de atendente. Pedro tem 34 anos e é natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. É Mestre em Linguística e professor do ensino público e privado. Lorelay Fox tem 30 anos e é natural de Porto Alegre e residente da cidade de Rio Grande, ambas no Rio Grande do Sul. Possui ensino superior completo e é supervisor de vendas. Zoe é um homem *gay* de 19 anos, natural e residente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Sua formação acadêmica é ensino superior em andamento e é estudante.

A maioria das pessoas entrevistadas se conhece, já transitaram por espaços em comum (como o curso de Letras), compartilham algumas visões de mundo e modos de falar. Por isso, entende-se que elas compõem uma comunidade de prática não prototípica³.

A concepção de comunidade de prática (CP) refere-se a “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum”

³ Entende-se que os sujeitos formam uma Comunidade de Prática (CP) não prototípica, pois embora a maioria tenha cursado o curso de Letras e frequentado a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) no mesmo período, três dos sujeitos, Pedro, Lorelay Fox e Brigitte, não compartilharam os mesmos espaços conjuntamente com os outros sujeitos de pesquisa.

(Eckert; McConnell-Ginet, 2010, p. 102). Em outras palavras, participantes de uma CP compartilham interpretações sobre outras comunidades, sobre suas próprias práticas em relação àquelas comunidades e desenvolvem um estilo que perpassa essas interpretações. Dessa forma, trabalhar com CPs possibilita ao/a pesquisador/a um trabalho de cunho etnográfico, procurando entender e perceber todas as nuances que perpassam as experiências de seus/suas participantes, visto que o construto funciona como uma maneira de localizar o uso da língua etnograficamente.

Com relação ao roteiro da entrevista, a elaboração das perguntas foi pensada para funcionar de maneira informal e, dentro do possível, descontraída. O roteiro foi desenvolvido em blocos temáticos, englobando: âmbito político nacional, preconceito, identidade, usos linguísticos e bate-volta (perguntas e respostas rápidas e curtas).

Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH – UFSC), as entrevistas foram conduzidas na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. As entrevistas foram realizadas em torno de uma mesa localizada na sala do apartamento da autora. Não havia disposição pré-estabelecida e as pessoas entrevistadas eram convidadas a acomodarem-se nas cadeiras da maneira que se sentissem mais à vontade. Na tentativa de propiciar, ainda mais, um momento de descontração, a pesquisadora sempre tinha chimarrão⁴ na mesa, que oferecia às pessoas, procurando reduzir a formalidade da conversa. Por ser uma bebida típica da região, e também por ser uma ocasião de relaxamento, a ideia foi bem-sucedida: todas as pessoas entrevistadas aceitaram o convite para entrar na ‘roda do chimarrão’ e pareceram sentir-se bastante acolhidas com a ideia.

Em média, as entrevistas duraram entre 45 e 90 minutos e ocorreram de forma bastante espontânea e tranquila, já que os/as participantes pareciam estar se sentindo à vontade com as perguntas do roteiro. Ademais, pareciam empolgados/as e entusiasmados/as para darem suas opiniões e vivências sobre diversos assuntos que lhes são importantes. A junção desses três fatores – as entrevistas em duplas, a ‘roda do chimarrão’ e as perguntas do roteiro – contribuíram para que a entrevista funcionasse, de fato, como um espaço seguro, em que se sentiram confortáveis para falarem com liberdade e em segurança sobre suas vivências, enquanto LGBTQIAPN+’s.

⁴ O chimarrão (ou mate) é uma bebida característica da cultura do sul da América do Sul. É um hábito legado pelas culturas indígenas, que é composto por uma cuia, uma bomba, erva-mate moída e água morna.

Quanto à análise, as entrevistas foram transcritas a partir dos áudios e o *Microsoft Word* foi usado para a digitação. O bloco *preconceito* foi selecionado para este texto, que foi constituído, dentre outros assuntos, de perguntas de ordem mais individual, sobre experiências com descoberta e aceitação da orientação sexual. O conteúdo das entrevistas foi examinado a partir de um olhar qualitativo e interpretativo, buscando captar e problematizar os relatos de experiência.

Na seção seguinte é feita a discussão e a análise dos relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens *gays* sobre processos de descoberta e de aceitação da orientação sexual.

O OLHAR PARA OS DADOS

A partir da transcrição das quatro entrevistas realizadas com duas duplas de mulheres lésbicas e de homens *gays*, nesta seção, serão trazidos alguns trechos da conversa, a fim de apresentar os relatos de experiência das pessoas entrevistadas acerca dos temas propostos no bloco *preconceito* do roteiro de entrevista. Desse modo, a abordagem da análise para com os dados será exposta em caráter explanatório e qualitativo. Além disso, é realizada, inclusive, uma breve discussão sobre esses relatos.

Os trechos transcritos e retirados das entrevistas dizem respeito a um tópico em específico, que é dividido em duas perguntas distintas, porém facilmente relacionáveis: (1) Quando e como foi a descoberta da tua orientação sexual? e (2) Como foi o processo de aceitação da tua orientação sexual?

Relembrando, as duplas de mulheres autodeclaradas lésbicas são compostas por Ametista e Adore e Fiona e Brigitte e as duplas de homens autodeclarados *gays* são compostas por Júlio e Pedro e Lorelay Fox e Zoe.

A seguir, serão apresentados e discutidos os relatos das pessoas entrevistadas, envolvendo os seus processos de aceitação e de descoberta da orientação sexual. Alguns trechos da conversa referentes ao assunto serão trazidos para a análise, visando exemplificar os relatos de experiência trazidos pelas pessoas entrevistadas. Além disso,

uma discussão sobre os relatos de experiência apresentados pelas pessoas entrevistadas, também, será realizada.

De forma geral, ao serem questionadas sobre a descoberta e a aceitação de suas orientações sexuais, as pessoas entrevistadas deram seus relatos de experiência, alguns, inclusive, bastante detalhados, sobre esse processo em suas vidas.

Ametista e Adore forneceram relatos detalhados de como foram suas descobertas enquanto lésbicas. Adore apontou, com certa tristeza, que a descoberta de que tinha interesse em mulheres aconteceu em um momento em que ela e outra amiga foram objetificadas por um homem, quando ela tinha entre 13 e 14 anos. Porém, a partir daquela experiência, Adore relatou que percebeu o seu interesse por mulheres, mas que continuou se relacionando com homens:

Adore: [...] mas aquilo nunca saiu de mim, entendeu, naquele momento eu sabia, só que aí começou a construção do tipo, aquilo é coisa da minha cabeça, então, eu namorei, 2 caras, durante um ano cada, eu me forcei a fazer sexo com eles, porque não gostava [...] E aí, quando eu entrei na faculdade, as coisas começaram a mudar, [...] eu comecei a sair e aí as coisas começaram a acontecer nas festas né, aí eu comecei com aquilo tipo assim, não, eu sou bissexual.

Adore: Que eu não acredito que seja uma fase de transição e tal, mas pra mim foi dessa maneira, e aí tipo, sou bissexual [pausa] não sei se eu gosto de mulher, porque... né, eu nunca transei com uma mulher, o que que vai acontecer, então eu sou bissexual, aí fiquei naquilo ali, me martirizando muito tempo, ficando com caras ainda [...] e aí as coisas começaram a ficar muito insustentáveis, e eu parei de ficar com caras.

Ametista também deu o seu relato de experiência sobre a sua descoberta. Ela contou que aos 13, 14 anos conheceu uma menina e se encantou demais por ela, mas que continuou ficando com meninos e se relacionando sexualmente com eles:

Ametista: mas eu nunca namorei com um cara, e... transei com diversos caras, todas as minhas relações sexuais com homens, eu nunca tive um orgasmo, porque eu nunca gostei de transar com eles, e eu achei a uma espécie de, ahn, criar uma identidade frígida, eu achava que eu era frígida, eu achava que o problema era eu, não os caras, mas eu nunca gostei, [...] sempre foi desconfortável, nunca me senti acolhida sexualmente.

Mesmo tendo continuado a se relacionar com homens, Ametista conta que aquele encantamento que sentiu por uma menina aos 13 anos nunca foi totalmente esquecido:

Ametista: [...] essa coisa da menina que eu me encantei, meio que se dissipou, assim, mas eu sempre guardei aquela sensação em mim, tá, quando eu fui pro cursinho, primeiro dia de aula do cursinho, eu tava sentada, não conhecia ninguém, entra, Aline, uma sapatona, performando aquela sapatonice, e eu não tinha isso na minha escolinha particular, da onde eu vim eu não via esse tipo de mina, entendeu, e eu vi ela e de novo, eu lembrei do meu encantamento pela mina, né, lá, quando eu tinha 13, 14 anos, eu senti o mesmo encantamento, e a primeira coisa que me passou pela cabeça é o que, eu quero beijar a boca dessa mina, foi isso.

Ao comparar os relatos da dupla Ametista e Adore, claramente, é possível perceber duas vivências muito parecidas. Ambas tiveram certa consciência de que tinham interesse em mulheres aos 13, 14 anos, porém, continuaram a viver uma vida dentro dos padrões heteronormativos. Apenas depois de anos de sofrimento e de dúvida, é que, realmente, se entenderam como mulheres lésbicas.

O motivo dessa relutância em seus processos de descoberta da orientação sexual pode estar pautado na heterossexualidade compulsória (Butler, 2003), que direciona todas as pessoas a viverem uma vida, irrestritamente, heteronormativa, sem espaços para qualquer outra orientação que não seja pertencente a esse ‘padrão’:

A coerência ou a unidade internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional. Essa heterossexualidade institucional exige e produz, a um só tempo, a univocidade de cada um dos termos marcados pelo gênero que constituem o limite das possibilidades de gênero no interior do sistema de gênero binário oposicional. (Butler, 2003, p. 45).

Ou seja, essa pressão heteronormativa, que é imposta socialmente, acaba por amedrontar e adiar, em certa medida, a descoberta e a aceitação de pessoas homossexuais.

Ametista e Adore também contaram suas experiências sobre como foi o processo de aceitação de suas orientações sexuais:

Adore: E aí eu, e aí, claro, fiquei bastante tempo, fiquei quase 1 ano disso, que eu era bi, eu era bi, eu era bi, e não, eu nunca ia deixar de ficar com homens, não tinha a ver com 50%, 50%, eu me atraía, as pessoas, e eu digo, não, gente, isso é mentira, entendeu, não tenho atração pelos caras, não tenho. [...] E aí demorou bastante tempo, pra tipo, aceitar, primeiro a aceitação da identidade e depois a questão da aceitação sexual.

Ametista: [...] daí, tá, passou, porque aí aconteceu o que, eu fui percebendo puta que pariu, né, eu gosto muito de minas, e eu quero ficar com mais

minas. [...] Só que nesse processo, nesse processo a minha aceitação, tava num sentido assim, tá, mano, é isso mesmo, sabe, tipo, eu não tive tantas dificuldades da Ametista com a Ametista, [...] mas quando eu tivesse que ir pra família, mas eu comigo, eu tava amando o rolê, [...] mas a questão da identidade lésbica, de perceber, eu nunca passei pelo que a Adore passou, no sentido da bissexualidade.

Embora o processo de descoberta de Ametista e Adore tenha sido similar, o processo de aceitação de cada uma foi um pouco diferente. Se, por um lado, Adore teve por muito tempo vivências de dúvida, afirmando ser uma pessoa bissexual, por outro lado, Ametista foi entendendo que, de fato, gostava de mulheres e declarou que, na maior parte do tempo, estava feliz com aquela constatação (a bissexualidade não foi cogitada por ela), apenas ficando receosa quanto a contar para sua família.

O receio com a reação da família é mais uma questão a ser analisada e elaborada por pessoas LGBTQIAPN+, já que “[...] quando uma pessoa se reconhece homossexual, não existem benefícios visíveis. Ao contrário: abre-se diante dela um futuro isolado e marginalizado que provavelmente trará conflitos com a família e a sociedade” (Castañeda, 2007, p. 46). Portanto, assumir-se completamente, para si mesmas e para a família, pode ser uma etapa bastante delicada e incerta para muitas dessas pessoas, pois elas têm consciência de que a sociedade ainda é muito heteronormativa e homofóbica.

Fiona e Brigitte também deram seus relatos de experiência sobre o processo de descoberta da orientação sexual:

Fiona: Tá, tipo, ahn, quando eu era criancinha pequena, eu pensava, tipo com 6 anos, que eu ia me casar com mulher. Só que depois, [...] eu fui criada na igreja e tals, então eu fiquei muito, muito, muito tempo renegando isso. Então, e eu consegui tirar um pouco disso de mim quando eu entrei pra faculdade em 2014, que foi quando eu falei “tá chega, sério”, eu não preciso mais disso e falei pra minha mãe e tals e comecei também a ficar com meninas mais seguido assim, foi quando eu entrei pra faculdade, mas saber, eu sabia desde sempre, só que era uma coisa do super escondida e que eu demorei muito tempo para aceitar também.

Brigitte: É, comigo foi meio parecido também, porque desde criança né, a gente sabe, a gente sente, só que claro né, existe aquela heterossexualidade compulsória que tu precisa se encaixar, se tu... se, ahn, se tu se assumir, tu vai perder amigos, tu vai, a tua família vai se virar contra ti, então é muito difícil, ainda mais assim, na adolescência, pré-adolescência.

Em linhas gerais, a dupla relatou experiências bastante parecidas: saberem da orientação sexual desde muito novas, porém reprimirem, de certa forma, essa consciência. Os motivos que levaram a essa repressão da sexualidade foram diferentes

para cada uma delas, pois Fiona relatou ter renegado sua sexualidade por conta da criação evangélica, enquanto Brigitte contou que a pressão de se encaixar na heterossexualidade compulsória acabou por incutir alguns medos para se assumir, como perder amigos e família.

Mesmo que cada uma das entrevistadas tenha tido seus próprios motivos para protelar, de certa forma, suas descobertas enquanto lésbicas, a questão da recepção de pessoas próximas parece aproximar suas vivências. Como aponta Sedgwick (2007), O “armário” implica diferentes estratégias de silêncio e qualquer tentativa de saída: “[...] pode trazer a revelação de um desconhecimento poderoso como um ato de desconhecer, não como o vácuo ou o vazio que ele finge ser, mas como um espaço epistemológico pesado, ocupado e consequente” (p. 35).

Já sobre o processo de aceitação, Fiona e Brigitte pontuam perspectivas distintas sobre essa etapa de suas vidas:

Fiona: Tipo, eu lembro que era uma coisa que eu ficava “tá, mas será mesmo?”, sabe? Tipo, será mesmo, mesmo, mesmo, mesmo, mesmo? E aí eu lembro que quando eu finalmente aceitei, real oficial, eu ficava assim tipo no ônibus “eu sou lésbica”, sabe? Na minha cabeça assim, eu tava no ônibus, indo para casa e pensando “bah, eu sou lésbica”. [...] Foi isso. [pausa] Foi ok, foi bom, quando finalmente cai a ficha, porque eu acho que especialmente lésbicas precisam ter isso muito estabilizado, de que elas são lésbicas para conseguir adquirir amor próprio. Eu tenho muito isso na cabeça, né, assim, então foi muito bom, quando finalmente, demorou, mas foi bom.

Brigitte: Eu acho que o meu, o meu processo, assim, de aceitação foi quando eu saí do meio heterossexual, de amigos heterossexuais e fui pro meio de amigos gays e amigas lésbicas, foi aí que assim ó, eu realmente pensei “cara eu não tô sozinha”. Porque antes, eu, eu tinha me assumido, mas eu sentia que tava sozinha. E... depois que eu entrei assim, para esse círculo, novo círculo de amigos, que eu fiz um novo, completamente diferente, eu aí sim eu pude me aceitar muito mais.

Fiona contou que, depois de um momento de incerteza, finalmente compreendeu que era lésbica e, em certa medida, pensava nisso a todo o momento. Além disso, ela também acrescenta que mulheres lésbicas precisam ter essa consciência bastante estabilizada, para conseguirem adquirir amor-próprio. Já Brigitte relatou que seu processo de aceitação só foi ‘concluído’ quando ela mudou seu círculo de amizades, de heterossexual para homossexual e, então, conseguiu sentir que não estava sozinha, o que a ajudou a se aceitar mais ainda.

A questão levantada por Brigitte é bastante pertinente, pois sentir-se segura em determinado grupo é crucial para uma melhor aceitação de si e “são nesses encontros que começam a ser criadas redes de amizades entre eles e outros iguais” (Soliva; Silva, 2014, p. 135). Dessa forma, pessoas homossexuais sentem-se acolhidas em um espaço seguro e ficam confortáveis para serem elas mesmas e para compartilharem sobre experiências comuns com essas pessoas.

Júlio e Pedro relataram as suas experiências envolvendo o processo da descoberta de que eram *gays*:

Júlio: Eu acho que eu sempre soube, eu só, por ver outros padrões, eu achava que era errado. Mas nunca ninguém chegou e me falou que o jeito que eu me comportava era errado.

Júlio: Eu só fui perceber que aquilo era ser gay depois de certa idade, mas daí, mesmo sabendo que eu era, eu só fui me assumir com 18 anos, com medo de ser expulso de casa.

Pedro: Eu descobri... eu devia ter uns 6, 7 anos de idade... eu já mais ou menos ali já sabia.

Pedro: Eu já sabia e depois, principalmente ali na, na, quando entrei na puberdade... ahn, todas as homenagens que eu fazia [risadas] elas eram a homens [risadas] Só que eu fazia... e, ao mesmo tempo, eu bloqueava.

Pedro: Ahn, e... num primeiro momento, quando eu era criança, eu chorava, eu ficava chateado quando me diziam, eu nem sabia o que significava né, aquilo ali, mas, mas eu sabia que era negativo pelo tom.

A partir do relato da dupla é possível depreender que, por mais que desde novos eles já se entendessem como *gays*, ainda assim sentiam certa culpa e medo de assumir essa identidade, tanto para si mesmos quanto para família. Tal receio não é aleatório, pois “surge pelo fato de se acharem pessoas estranhas ou erradas e também pela rejeição e preconceito família e da sociedade” (Zanatta et al., 2018, p. 394).

Júlio e Pedro também relataram sobre como foi o processo de aceitação de suas orientações sexuais:

Júlio: Eu não sei, eu não lembro de idade, eu acho que eu sempre me aceitei, assim. Eu achava que era algo... que eu não podia mudar e daí eu achava estranho quando tinham pessoas na minha volta que tinham dificuldade. Porque pra mim não tinha problema, [...] só não gostava de deixar aparente, [...] não deixava que as pessoas soubessem porque eu não queria que meus pais soubessem, mas só por isso.

Pedro: Ah, aceitar foi, foi aí, foi nessa, nessa, nessa idade, nesse momento, eu tinha uns 16 anos, eu tinha um amigo, muito amigo [risada de canto], muito

próximo. [...] eu comecei a deixar mesmo a mostra, a cara, com 20 anos, que foi quando eu conheci meu primeiro companheiro né e aí depois eu saí, eu saí do, da casa do meu pai e foi quando eu contei pra ele. Eu tô saindo daqui, eu vou viver com uma pessoa, um homem, assim, assim, assado, contei tudo pra ele.

A partir do relato da dupla, é possível perceber que “as tentativas de evitar essa revelação são fundamentadas no medo da rejeição familiar e social – consequência imediata do ato de ‘assumir-se’” (Soliva; Silva, 2014, p. 134). E, no momento em que pessoas homossexuais se assumem em uma sociedade homofóbica, elas parecem possuir a consciência de que há um grande prejuízo em potencial.

Lorelay Fox e Zoe, também, contaram sobre suas vivências envolvendo a descoberta de suas orientações sexuais. Diferentemente de Júlio e Pedro, que relataram saber que eram *gays* desde muito cedo, Lorelay Fox e Zoe pontuaram descobertas mais ‘tardias’. Lorelay Fox contou que descobriu que era *gay* mais tarde, já com 18 anos, enquanto Zoe relatou ter se entendido como *gay* aos 12 anos de idade, embora só tenha se relacionado com outro homem aos 17.

Sobre o processo de aceitação da orientação sexual, Lorelay Fox e Zoe focalizaram suas falas na aceitação da família e, a partir dos trechos, é possível depreender que os dois tiveram experiências um pouco diferentes:

Lorelay Fox: Ah, é, na realidade, eu e a minha mãe a gente nunca conversou sobre, muito essas coisas, entendeu, tipo, é muito de boas assim, eu respeito ela, ela me respeita, a gente se dá super bem.

Zoe: É, na minha família foi, é, por eu já ser uma criança mais afeminada, eu acho que a minha mãe e meu pai já, já, já tinha uma ideia né. [...] Eu já tinha muito os trejeitos, aí a minha mãe e meu pai já vinham vendo essa ideia. [...] A minha mãe sempre tocava no assunto.

Por um lado, Lorelay Fox relatou nunca ter conversado, de fato, com sua mãe sobre o assunto, o que pode decorrer de certo medo de uma ou de ambas as partes. Pode-se, também, inferir que essa falta de conversa dentro de casa sobre homossexualidade “passa a se constituir como um “segredo íntimo familiar”, coisa de que a família procura não falar e que somente costuma ser mencionado em situações de conflito” (Soliva; Silva, 2014, p. 145).

Ao passo que, na experiência de Zoe, por ele ser uma criança mais afeminada, seus pais já tinham certa desconfiança sobre sua orientação sexual e, inclusive, sua mãe

tentava trazer o assunto constantemente. Soliva e Silva (2014) chamam essa etapa de “período de desconfiança”, vivenciada pelos pais, que geralmente ocorre de forma concomitante ao momento da autodescoberta da sexualidade de seus/suas filhos/as.

Em suma, e de forma geral, a partir dos relatos de experiência fornecidos pelas pessoas entrevistadas, procurou-se discutir as vivências relatadas por elas. Todas as pessoas entrevistadas pareceram não ter muito receio em contarem suas experiências e fizeram isso de maneira até bastante descontraída, mesmo sendo um tópico que poderia relembrá-los de momentos difíceis.

Ao contarem sobre seus processos de descoberta enquanto mulheres lésbicas e homens *gays*, foi possível perceber que esses dois ‘grupos’ relataram experiências um pouco distintas. De forma ampla, a partir da análise, pode-se dizer que as mulheres lésbicas vivenciaram mais momentos de dúvida e recusa de suas sexualidades, enquanto os homens *gays* não vivenciaram – ou, ao menos, não relataram na entrevista – esses momentos de incerteza quanto suas sexualidades.

Nesse grupo específico de pessoas entrevistadas, as mulheres lésbicas compartilham uma vivência parecida: ter consciência sobre suas sexualidades desde muito cedo, porém, não assumirem isso – nem para as outras pessoas e nem para si mesmas – e continuarem vivendo uma vida heteronormativa. Esse movimento, segundo os relatos, foi penoso para muitas delas e quebrar esse padrão foi um processo longo e doloroso. Por outro lado, também relataram que, quando conseguiram atingir a autoaceitação, sentiram-se completas e libertas.

Já a partir dos relatos dos homens *gays*, não foi possível depreender essa mesma vivência apontada pelas mulheres lésbicas. Por mais que eles tenham contado, em sua maioria, que, assim como as mulheres lésbicas, desde sempre tiveram consciência sobre suas sexualidades, eles, em contrapartida, não relataram durante a entrevista que o processo de aceitação tenha sido uma fase difícil e longa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como intuito principal agregar aos trabalhos que resistem e persistem na árdua tarefa de não se silenciar frente ao sexismo, à misoginia e à homofobia, ainda tão arraigados em nossa cultura. Portanto, tentando desmistificar certos tópicos sobre mulheres lésbicas e sobre homens *gays*, esta pesquisa procurou trazer alguns relatos dessas pessoas sobre assuntos envolvendo suas vivências, como os processos de aceitação e descoberta da orientação sexual.

Nesse sentido, procurou-se investigar os relatos de experiência sobre as descobertas e as aceitações de um grupo de mulheres autodeclaradas lésbicas e de homens autodeclarados *gays* e discutir de que forma aconteceram essas experiências, bem como o impacto delas na vida dessas pessoas. Todas as pessoas entrevistadas compartilharam suas experiências de forma bastante tranquila e, em alguns momentos, forneceram vivências bastante detalhadas.

Em suma, a partir dos relatos de experiência das pessoas entrevistadas, algumas considerações puderam ser feitas. Tanto as mulheres lésbicas quanto os homens *gays* relataram uma experiência similar: terem consciência da orientação sexual desde muito cedo. Porém, entre esses dois grupos, algumas diferenças foram notadas: nos relatos das mulheres lésbicas, o processo de aceitação aconteceu algum tempo depois da descoberta; já nos relatos dos homens *gays*, o processo de descoberta e aceitação ocorreu quase que concomitantemente. As expectativas familiares e sociais são recorrentes nas conversas e impactaram a vida dessas pessoas.

Para trabalhos futuros seria pertinente investigar os relatos de experiência de mulheres autodeclaradas lésbicas e de homens autodeclarados *gays* sobre outros assuntos que lhes concernem, como vivências de preconceito, conflito, violência, representatividade, militância, identidade etc.

REFERÊNCIAS

- ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. *Documentos e Publicações*. Disponível em <https://www.abglt.org/>. Acesso em: 3 nov. 2021.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTAÑEDA, M. *A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. São Paulo: A Girafa, 2007, p. 328.
- CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- ECKERT, Penelope. Communities of practice. In: *Encyclopedia of language and linguistics*, v. 2, n. 2006, p. 683-685, 2006.
- ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice. In: *Annual Review of Anthropology*, 21:461-90, 1992.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira et al. A pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 2, 2008.
- PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune Coelho; VIEIRA, Hortênsia Isabela dos Santos. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 19, p. 67-76, 2014.
- SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. *Artigo apresentado na XI Semana de Extensão, pesquisa e pós-graduação–SEPesq*. Centro Universitário Ritter dos Reis, 2015.
- SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Revista Bagoas*, 5, 67-78, 2010.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, p. 19-54, 2007.
- SILVA, Odacyr de Moura. *Trajetórias de vida e mudança de identidade sexual: quando não se encontra o pote de ouro no final do arcoíris*. 120f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) UFES. Vitória, 2017.
- SOLIVA, Thiago Barcelos; SILVA, João Batista da. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), p. 124-148, 2014.

ZANATTA, Elisangela Argenta et al. Descobrir, aceitar e assumir a homoafetividade: situações de vulnerabilidade entre jovens. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, v. 10, n. 2, p. 391-398, 2018.

Recebido em: 10/01/2023

Aceito em: 20/05/2023

Ana Beatriz Oliveira Ribeiro: Doutoranda e Mestra (2020) em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGL/UFSC). Bolsista CAPES.